

VOAMOS PARA
12.000
EXEMPLARES!



FOTOGRAFE
O CHEIRO
DO POVO!
(PAG. 12)

Porandubas



Boletim Interno da PUC-São Paulo. Ano IV maio Sala de Comunicação

29

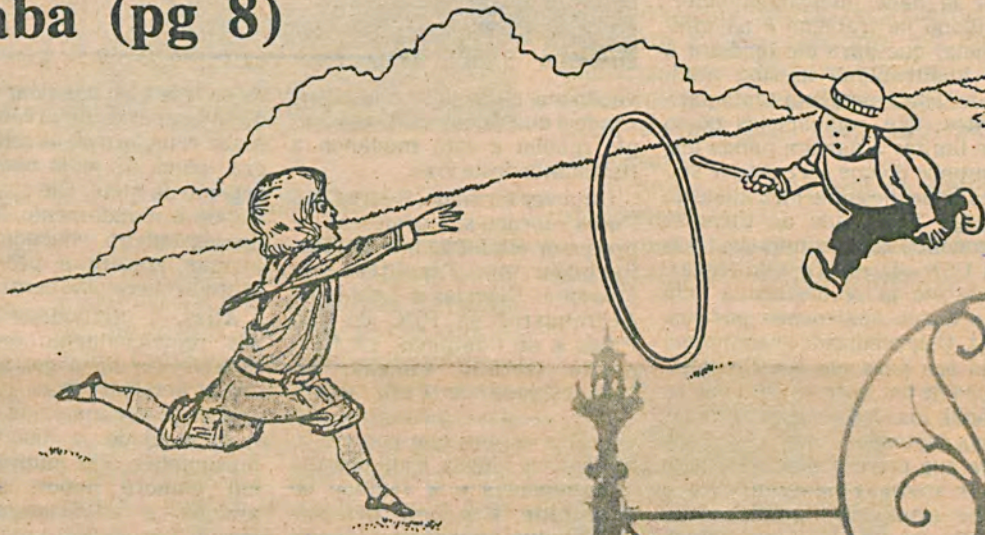
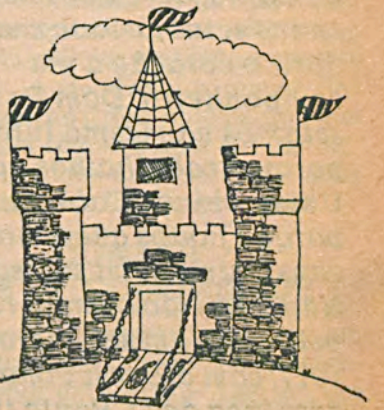
MENOR (pg 3 e 4)

Pedro Calil Padis (pg 2)

Homenagem ao Trabalhador (pg 5 e 6)

Nossos Nordestinos (pg 7)

Conheça Sorocaba (pg 8)



LAR
DO
MENOR
ENTRE
SEM
BATER



Editorial

Estamos contigo e não abrimos

Dom Paulo Evaristo Arns, estamos bem conscientes da posição que o Arcebispo de São Paulo ocupa dentro da hierarquia da PUC. O fato de o senhor, em última análise, ser o Grão-Chanceler do nosso emprego, às vezes pode toldar nossa visão de que este cargo é — graças a Deus, mesmo — ocupado pela sua pessoa.

Portanto, deixamos as eminências de lado e vamos abrir o coração a um companheiro. Dom Paulo, estamos na mesma luta, não porque trabalhamos na Universidade Católica mas porque juntos queremos construir a nova sociedade. Não terá sido outra a razão pela qual, em setembro de 1977, com alegria vimos a presença de D. Paulo iluminar nossa humilhação. Indignado, o senhor perguntava: "Como os soldados entraram na PUC? Eles fizeram o vestibular?" Em outras ocasiões, sua sabedoria e senso de delegação de responsabilidades marcaram suas raras intervenções, que têm conseguido com que esta Universidade se volte cada vez mais para sua querida Periferia.

Agora chegou nossa vez de sermos solidários. Os bilhetinhos, as intrigas, as declarações públicas só dão conta de que a tomada de posição de D. Paulo a favor dos oprimidos intimida os poderosos do dia. D. Paulo, o senhor pode contar com a PUC. Talvez ainda não sejamos todos tão ágeis para estar a seu lado. Talvez não acompanhemos tão prontamente, como seria necessário, seus corajosos passos na direção de uma vida mais digna para a maioria da população e, no caso presente, para a valorosa classe metalúrgica. Contudo, saiba que é que como o senhor que estamos. E não abrimos.

Tributo a um Companheiro

PAUL SINGER

No dia 29 de abril último, de modo inesperado e brutal, a morte nos privou de um companheiro. Os estudantes perderam um mestre querido. Os professores perderam um colega e um líder. Os que se engajam nas lutas pelos direitos do povo perderam um fiel e valoroso camarada. Morreu Pedro Calil Padis.

Escrevo tomado por emoções contraditórias. De um lado, temo ferir o pudor de quantos o amaram ao revelar de público a dor que sua perda nos causa. De outro, não consigo deixar passar em branca nuvem o passamento de alguém cuja vida é exemplo a ser apresentado aos jovens e a todos que almejam ser ao mesmo tempo intelectuais e engajados.

Pedro Calil Padis morreu na flor da idade, inteiramente mergulhado no trabalho e na militância, que para ele tendiam a se fundir numa mesma atividade. Ele representa tanto para tantos, que aqui apenas posso me limitar a dar um pálido testemunho do que sei e do que sinto. Conheci-o como meu aluno na antiga Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da USP (da rua Dr. Vila Nova), onde ele já se destacava pela sua busca apaixonada por justiça. O aprendizado de economia não era para ele a mera aquisição de um instrumental profissional, mas a conquista de meios para entender uma realidade que era preciso mudar a qualquer custo. Como militante e líder estudantil da JUC, Calil Padis foi um dos que contribuíram para a profunda renovação que a Igreja vem atravessando e que de um modo tão amplo mudou e está mudando a fisionomia deste País.



Uma vez formado, Pedro Calil Padis tornou-se professor e professor ele foi acima de tudo. Lecionou na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, na PUC de São Paulo e de Campinas, na Fundação Getúlio Vargas, na Universidade de Paris e em outras escolas ainda. Era universal a estima que por ele tinham seus alunos. Calil possuía a inteligência e a vontade de transmitir. Era uma demonstração viva de que o verdadeiro ensino só se pode realizar quan-

do se tem algo para dar e quando se é capaz de dá-lo com amor. A sua relação com os estudantes era, antes de mais nada, uma relação de afeto. Ele conhecia e seguia o mandamento supremo do verdadeiro educador: para formar alguém é preciso sobretudo querer-lhe bem. Aliás, a afetividade marcou seu relacionamento com todo mundo. Tinha a gostar muito ou a detestar. Não era nem pretendia ser um santo. Odiava a duplicidade, a hipocrisia, a mesquinhez. Fez inimigos mas, em número maior, granjeou amigos e admiradores. Era temido por alguns, talvez detestado por outros. Mas são muitos

os que nos acalentávamos ao calor de sua amizade, os que contávamos com sua presença, sua palavra, seu conselho e seu apoio nos momentos de luta e de decisão.

Creio que sua hora da verdade chegou em 1969, quando os poderes concedidos pelo AI-5 serviram para efetuar o expurgo em nossas universidades. De repente se viu privado da possibilidade de ensinar. Continuou na pesquisa, trabalho no Cebrap (o que, na época, exigia coragem), conquistou o título de doutor. Resolveu ir para a França, continuar os estudos. Em pouco tempo dominou a língua e, num esforço desmedido, integrou-se no ambiente universitário francês, conquistando lá o mesmo respeito e estima de colegas e alunos que tinha granjeado aqui. Tornou-se professor da Universidade de Paris, diretor do Iedes (Instituto de Estudo do Desenvolvimento Econômico e Social), organizou e editou uma coletânea sobre problemas do desenvolvimento (recentemente traduzida e publicada em português), formou gente, amadureceu. Já que não lhe era permitido lecionar em seu próprio país, fê-lo em outras plagas, demonstrando assim que era um grande professor. Há poucos anos, voltou ao Brasil, retomou as atividades de ensino e pesquisa, começou a organizar um curso de pós-graduação na PUC de São Paulo, de alto nível...

Pedro Calil Padis, colhido por morte prematura, deixou uma obra marcante que não se encontra em revistas ou livros, mas nas mentes e nos corações dos que com ele conviveram. Ele continua um pouco presente em cada um de nós.

FSP 3/5

Pensamento econômico perde Pedro Calil

EDUARDO M. SUPLYC

O Brasil perdeu ontem um de seus melhores economistas. Excelente professor, muito querido por seus alunos e por seus colegas, Pedro Calil Padis nos deixou ontem, de repente, ao sentir-se mal do coração quando estava em Atibala. Muita dor sente sua mulher Cella que ontem mesmo deu a luz ao quarto filho do casal.

Coordenador do curso de Pós-Graduação em Economia na Pontifícia Universidade Católica, Pedro Calil Padis vinha sendo responsável por uma significativa melhoria de ensino naquela instituição para a qual levou professores de renome como Celso Furtado, Paul Singer e inúmeros outros. Também

lecionava economia na Escola de Administração de Empresas de São Paulo, da Fundação Getúlio Vargas. Ainda na segunda-feira Pedro Calil dirimiu as dúvidas que seus alunos tinham para a prova que daria hoje.

Injustamente atingido pelo Ato Institucional N.º 5, em 1969, Pedro Calil Padis teve de interromper sua carreira acadêmica que desenvolvia com êxito na Universidade Católica de Campinas, na Faculdade São Bento, na FGV, em Araraquara e em Piracicaba. Resolveu então ir para a França onde completou seus estudos de pós-graduação e tornou-se professor nas universidades de Reims, Nanterre e Sorbonne, Paris. Nessa última foi

Diretor do Instituto de Estudos de Desenvolvimento Econômico e Social, onde desenvolveu estreita relação de amizade e de trabalho com Celso Furtado. Promoveu também intenso intercâmbio com instituições brasileiras, convidando professores como Luls Carlos Bresser Pereira para ministrar cursos naquela instituição.

Voltou ao Brasil em 1977 e desde então prossegue com grande entusiasmo suas atividades, sempre com uma preocupação de fazer do estudo da economia algo útil para a compreensão da realidade social em que vivia o povo, de forma a podermos pensar em transformar o mundo numa direção melhor.

Seus principais trabalhos acadêmicos foram "Formação Econômica do Maranhão" (Hucitec), tese de doutorado na PUC, 1970, "A América Latina após 50 anos de Industrialização" (Hucitec) e "Frente Agrícola e Evolução da Produção no Brasil".

Pedro Calil Padis foi ainda economista do Cebrap. Nasceu em Atibala, havia completado 41 anos em 2 de janeiro. Sua preocupação fundamental nos últimos anos foi a reestruturação do ensino de pós-graduação de economia. Seus alunos na PUC esperam que a reestruturação do currículo preparada por Pedro Calil para ser introduzida no segundo semestre desse ano seja realmente efetivada.

FSP 30/4

No Porandubas

ANISTIA (edição de Agosto)

A Anistia é por excelência, um ato de paz, de grandeza... por isso não pode ser manchada pela restrição, pela parcialidade, senão perderá sua grandeza tornando-se uma demonstração de força, ou de fraqueza... O projeto oficial, de fato não anistia professor algum: apenas permite que solicite a própria readmissão na Universidade, de forma vexatória... Esta é uma humilhação à qual a consciência brasileira não pode se submeter. Senão, a grandeza desaparece de todos os lados.

DESNÍVEL SALARIAL NA PUC

(edição de Outubro)

... Tentemos compreender o que ocorre na PUC... Encontramos aqui enorme disparidade de salários da grande maioria e ois salários pagos a alguns funcionários, na maior parte bastante antigos na instituição... pode-se perceber que os maiores salários pagos pela PUC eram 40 vezes maiores que os mais baixos... A remuneração de professores, apesar dos enormes avanços havidos tem permanecido aquém das expectativas criadas... ao atingir o ponto final da carreira universitária, o professor encontra-se

com um salário que não lhe permite dedicar-se apenas às suas atividades didáticas e de pesquisas... aqueles que ainda se encontram nos estágios intermediários da carreira... o nível de remuneração obriga-os a buscar complemento salarial, seja em atividades didáticas, seja em atividades técnicas... Esta quadratura do círculo só desaparecerá na medida em que as verbas governamentais forem mais substanciais e — sobretudo — a partir do momento em que, além de simples fornecedora de aulas, esta Univ. ingressar definitivamente no campo de pesquisa, obtendo recursos através desses trabalhos.

Porandubas

R. Monte Alegre, 984
tel: 263-0211 r. 227
Editor: Jorge Claudio Ribeiro
Secretário: Roberto Barreiro F.
Diagramador: Francisco Gualbernei
Composição: O Estado de S. Paulo
Impressão: Editora AFA
Tiragem: 12 mil exemplares

Menor

NÃO É CASO DE POLÍCIA

O Prof. Jair Militão da Silva dá aulas no Centro de Educação. Trabalhou na Diretoria Técnica da Febem-SP de 1976 a 1979. Fala dos problemas da política do menor, aponta caminhos e as possibilidades de ação da Universidade.

PORANDUBAS: Como você vê a situação do menor?

Jair Militão: Ressalto que há uma série de enfoques diferentes. Quando se diz que o menor é um problema policial, ou que faltam instituições para abrigá-los, o lado mais gritante da questão fica desfocado. Há grandes massas periféricas de crianças em verdadeira miséria: os que chegam às instituições são pouquíssimos comparativamente. Eles são "privilegiados." É só olhar as estatísticas oficiais: elas reconhecem que 30% da população geral do Estado de S.Paulo está em situação de carência total. Aí há cerca de 6 milhões de pessoas, dos quais a população jovem é metade. Desses 3 milhões, a FEBEM diz que pode acolher 50 mil (na verdade seriam 35 mil). Por aí se vê a razão daquele menor que disse que "nós somos a nata do lixo."

Os debates mais recentes levados pela grande imprensa só de leve revelam que o problema do menor é de massa, relacionado com o problema social mais amplo nascido da gestão da atual sociedade brasileira. A questão do menor não é apenas de violência policial ou de fugas em massa: é preciso chegar às raízes mesmas.

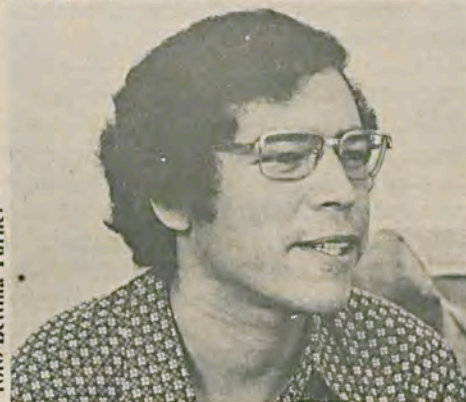
Há também um debate falsamente "teórico", abstrato, que leva setores acadêmicos apenas a interpretar o problema e resolvê-lo com textos e dissertações. É urgente uma prática transformadora e aí a Universidade tem papel importante, caso se vincule à periferia concreta, assessorando grupos da base em projetos específicos.

PORANDUBAS: Como essa situação reflete sobre o indivíduo? JAIR: As crianças não sabem se comerão naquele dia. Cedo elas convivem com a violência, com relações aviltantes entre as pessoas. Aos 23 anos elas têm revolta profunda. Aos 6 anos, elas têm que cuidar dos irmãos menores: sem lazer, carentes de alimentação, são envelhecidos. Manifestam distúrbios psicológicos e afetivos. Sua autoimagem é deturpada, falta-lhes percepção corporal: alguns testes mostram que eles percebem o pé saindo do braço, a cabeça ligada ao ombro, etc. Afetivamente suas carências se manifestam na depredação, ansiedade, verocidade, aspecto esquelético. Por viver no limite máximo das situações, para poder sobreviver, o menor tem extrema excitabilidade, não se "desliga". Com isso, sua capacidade de sentir vai-se desgastando e ele busca novas experiências, como cheirar o óleo diesel, queimar fumo. Desta forma, ele percebe que a vida não vale grande coisa. O que é amanhã? A urgência contínua tira-lhe a noção de tempo.

Os valores dessas crianças nada têm de revolucionário: eles assimilaram os padrões de consumo, querem

ter um carro, coisas caras. Mas, a realidade é que sua mãe tem que escolher a que filho dará comida aquele dia, ou ele verá seu pai não comendo para dar a ele o alimento.

As organizações populares em parte encaminham o problema. As Comunidades de Base, embora apenas comecem a perceber o menor como tal, já têm maior valorização da pessoa e encaminham algumas reivindicações.



Jair Militão

FEBEM

JAIR: Quando existem organizações populares, há um "sujeito novo" e não mais a massa informe. Participo de um grupo interdisciplinar que na Zona Leste acompanha esses grupos a nível de conscientização, de projetos específicos da realidade local e eventualmente a nível político de denúncia e reivindicações. Este terceiro nível poderia contar também com a atuação da PUC, revelando a verdade do menor. É preciso superar o "espontaneísmo caritativo" e partir para projetos.

A meu ver a função da FEBEM-SP e FUNABEM, deveria ser no favorecimento dos projetos das instituições

intermediárias. Mas as Fundações do Menor se ligam a grupos de base? Que projetos comunitários elas desenvolveram? Na verdade, as Fundações estão apenas institucionalizando os menores.

Se analisarmos as verbas e prioridades das Fundações veremos que o esforço maior é para manter Instituições Totais, que tentam responder a todas as necessidades dos menores, isolando-os do mundo. Ora, tal tratamento já é condenado há vários séculos...

As próprias autoridades divulgaram que o orçamento da FEBEM-SP ultrapassa o de qualquer estado do Nordeste, o da cidade de Campinas. O orçamento da FUNABEM é 2/3 do da FEBEM-SP. O per capita de cada menor atendido é de Cr\$ 28 mil... Pois bem, só a sede central da FEBEM, na rua Bela Cintra consome 1/3 desse dinheiro todo. Há perguntas que ninguém faz aos atuais dirigentes da FEBEM e que seria necessário exigir resposta:

- qual o número real de menores atendidos?
- qual o tipo de pessoal que trabalha diretamente com o menor?

- qual a formação geral e treinamento de pessoal?

- qual a utilização das suas fazendas?

- situação efetiva do menor quanto à profissionalização?

Está com a FEBEM a palavra. Essa política de levar os menores para as instituições supõe prédios caríssimos e até suntuosos (como o da Rodovia dos Imigrantes, que custou cerca de Cr\$ 145 milhões e atende a uns 100 menores). Além disso, o menor fica numa situação irreal, num padrão que sua família sequer sonha em lhe dar. Haveria projetos mais baratos e mais eficientes, que estão engavetados.

CONTAR COM A COMUNIDADE

JAIR: Em 77 fizemos um projeto em Araçatuba, denominado "Atendimento ao Menor em Regime Aberto", em que o menor não era confinado. O diagnóstico, tratamento e acompanhamento eram feitos por técnicos, assistentes sociais e casais da comunidade. As instituições que atenderiam a recreação, profissionalização e am da própria cidade. Essas foram as mais eficientes. Eventual e raramente se necessita de uma Instituição Total. Esta, além do custo, traz o "homem" (dependência do menor frente ao pessoal, virando robô), a despersonalização do menor e a violência até física que ele sofre. A reclusão de gente acostumada a uma vida totalmente livre, cria um barril de pólvora. Eu defendo que temos que chegar a um mínimo dessas instituições: a Itália por exemplo acabou com elas e o resultado carece que tem sido melhor que na fase anterior.

PROFETA ÀS AVESSAS

É romântica a idéia de que o menor é um novo Robin Hood, porque ele rouba (e até mata) para realizar os valores da Sociedade de Consumo. Eu cito D. Luciano que chama o menor de "profeta às avessas", que denuncia a crise na sociedade mas não anuncia a nova.

Nossa luta não é para melhorar a Instituição mas forçá-la a se colocar a serviço dos "novos sujeitos"; as organizações populares. A Universidade deveria formar pessoal para transformar esse quadro social.

Na Zona Leste há uma experiência-piloto, de uma escola cujo currículo é montado a partir das discussões da comunidade. Enfatizam-se valores que levem a criança a se perceber frente à comunidade, situando-a no contexto (por exemplo, elas estão conscientes de que seus pais recebem pouco salário). Essa escola, que se situa num dos bolsões de pobreza a ponto de lá não haver rede escolar oficial suficiente, seria um projeto-como tantos outros — a merecer apoio da FEBEM.

Finalmente, o mais grave da institucionalização é a ênfase no menor enquanto indivíduo, isolado, que seria um anormal a necessitar integração. O nível de pessoa individual deveria ser englobado na problemática da família, do bairro, etc. Caso contrário, tudo o que se fizer será paliativo.



QUEM É O VERDADEIRO PIVETE?

Desde setembro do ano passado, o MOVIMENTO EM DEFESA DO MENOR vem trabalhando com grupos, para que haja respeito ao menor dentro da sociedade. Fazem parte do Movimento as comissões de Educação, Lazer, Psicologia, Teatro, Planejamento e Pesquisa, que entraram em contato com comunidades de base e com elas elaboraram projetos de pesquisa nessas áreas. O Movimento participará de um Congresso Nacional sobre o Menor em setembro. O depoimento de LIA JUNQUEIRA e SÔNIA PAZ foi prestado ao repórter Roberto C. Barreiro F^o.

PORANDUBAS: Como é a política oficial com respeito ao menor?

MDM: Um bom exemplo da atuação governamental é o episódio de Camanducaia, onde mais de 98 menores foram maltratados e os 48 menores investigados não são prova suficiente para a justiça incriminar os culpados.

A FEBEM, além de não fazer nada, ainda tem o governo contra. Vivemos numa sociedade que não dá direito algum ao menor, que não cabe dentro dela. Ultimamente é negado ao menor até o direito de viver.

O menor não é um problema isolado: ele faz parte de um todo. O MDM se propõe a defender o direito do menor o qual, apesar de ser obrigado a obedecer as regras sociais, por elas mesmas é marginalizado.

PORANDUBAS: Como fazer para acabar com tudo isso?

MDM: Primeiro, denunciando o que acontece por aí. Também, é preciso atacar os principais problemas que brotam dos problemas sócio-econômicos que vivemos, tais como fome, saúde, educação.

Afinal, de onde vem esse menor? Ele é filho de uma classe operária pobre, que está no caos. Aí vem o menor e se coloca como problema para as classes mais favorecidas: resultado, são tratados como animais. Nosso trabalho tem sido conseguir recursos como Postos de Saúde, estudo gratuito — é ou não é dever do governo fornecer estudo gratuito? — além de providenciar carteiras de identidade e certidões de nascimento pois alguns menores não têm um documento que prove sua existência. Não é incrível?

PORANDUBAS: Quais são as maiores urgências?

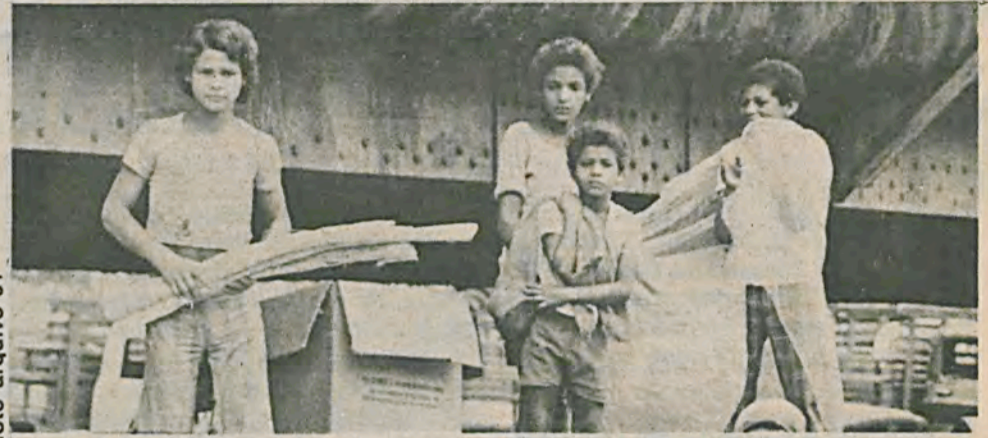
MDM: A necessidade imediata é o problema da fome. Na hora em que esta for resolvida, não haverá mais roubos, mortes que mostram o grau de desespero desse menor que não consegue alimento. Pensamos que os atos de violência de menores são bons porque mostram essa faixa carente inteligente a todos. Para os que morrem de frio, de fome, de problemas de saúde ou por falta de atendimento médico, ninguém liga pois estes não aparecem como infratores, não prejudicam o andamento das coisas. As prostitutas com filho no colo não são percebidas neste todo, não prejudicam ninguém, senão a si mesmas.

Se os trombadinhas não existissem, não haveria motivo para se fundar uma FEBEM e demais órgãos oficiais. Contudo, no sistema político atual, o problema só tende a aumentar. Daí que a mudança tem que ser do sistema, pois a grande culpada disso é a Economia atual.



foto arquivo JT

Já faz 8 anos que lutamos ao lado dessa classe. Se nossa classe social tivesse a lealdade que existe entre os menores, a sociedade seria muito melhor. Eles são capazes de dividir até a miséria e conseguem viver realmente em comunidade. É um grupo muito forte e não temos capacidade sequer de vestir sua camisa. A gente não



consegue entrar na dos miseráveis, daqueles que foram criados a água e maizena no lugar de leite e desde os oito anos têm que catar alimentos para sobreviver.

PORANDUBAS: E então, como faz?

MDM: Pensamos que a solução, só a longo prazo, com muita participação do povo a todos os níveis e se lutando pelo Estado de Direito. Enquanto isso não acontece, precisamos ajudar a manter viva essa classe porque num país onde não se elege nem seu Presidente, não podemos ajudar a população carente mas apenas contribuir para que permaneça viva. Sem democracia não se chega a nenhuma solução. Nada conseguiremos sem sermos sociais e socializados.

PORANDUBAS: Como vocês vêm a PUC nisso tudo?

MDM: Em volta da PUC, o problema é de uma pequena parcela da sociedade, acostumada à vidinha de comprar tudo e quer comercializar com estes

menores para sua maior comodidade. O menino cobra Cr\$ 20,00 e o estudante dá Cr\$ 30,00 para que ele guarde seu lugar no dia seguinte. O menor fica na obrigação de reservar a vaga e isso aprofunda o problema. O menor vende seu trabalho e o estudante compra espaço na rua. O problema começou pelo pai do aluno que compra o filho desde pequeno e este passa a comprar seus privilégios desde cedo.

O que o menor quer apenas é ser respeitado em seu trabalho. Ele ajuda em casa e muitas vezes ganha mais que o pai, que recebe salário mínimo: sua ajuda é muito importante. Eles são menores carentes que vendem seu trabalho e não roubam ninguém. Esses garotos necessitam de tratamento médico-dentário.

No momento desenvolvemos dois projetos. O primeiro sobre tóxicos e o outro sobre prostituição. O que o governo fez foi acabar com o confinamento e, assim, as prostitutas não têm mais cuidados médicos nem assistência.

"Olha o Vintão"

Bettina Turner
Jornalismo PUC

Os pobres estão chegando, invadindo, sujando, estragando nossa ordem. Já utilizaram as salas dos CAs como banheiro, telefonaram para todos os ramais, mantêm relações sexuais sob nossos narizes e...crime revoltante, cobram Cr\$ 20,00 para "guardar" nossos carros.

Muita coisa se tem falado a respeito do menor abandonado, marginalizado e outros adjetivos mais. Porém muito pouco se tem feito.

Aqui na PUC, o problema começa a ser amplamente debatido. Em todos os setores pairam as mais diversas idéias sobre o assunto. Lançaram o problema os garotos que tomam conta dos carros. Algumas pessoas os vêem como consequência do sistema opressor, onde o menor não consegue participar. Pior, onde ele é encarado como mero trombadinha e ladrão.

Tentei aproximar-me dessas pequenas criaturas, despojando-me (?) antes de conceitos pré-estabelecidos. Afinal, eles estão todos os dias tão próximos de nós, na rua Bartira, na João Ramalho e na Ministro, e nós nem sequer nos importamos em saber o que pensam. Sabemos, sim, que temos que pagar Cr\$ 20,00 para estacionar nosso carro numa via pública, coisa ilegal, que chega mesmo a voltar!

Contudo, a aproximação não foi

difícil. Eles logo queriam ser fotografados, entrevistados, se embolavam para aparecer. "É pra FEBEM?", "Olha, não quero ficar visado!", avisavam. Mas iam se soltando.

Para tornar eficiente a comunicação, foi necessário um mínimo de transposição do meu mundo para o dos garotos. Contudo, eles é que passaram com muita facilidade para a minha linguagem: Já tinham internalizado o que a sociedade espera que eles digam. Os cinco meninos falavam ao mesmo tempo, dispersavam. Enquanto isso, o papo ia evoluindo.

Todos têm família, mais ou menos estruturadas, mas todos a têm. Todos estudaram por algum tempo e, embora tenham parado os estudos, pretendem voltar. W., de 14 anos, diz que parou para poder trabalhar, o que lhe rende Cr\$ 150,00 por dia, uns Cr\$ 3 mil por mês.

Eles garantem que são honestos. Um deles, de 17 anos, já foi 2 vezes para a FEBEM mas nunca ficou lá por mais de um dia: logo foi solto e ficou amigo de todo mundo por lá. "Eu precisava passar por lá pra soltar umas amigas minhas que foram pegadas ontem", acrescenta. "As garotas passaram a noite com a gente, aí na casa dos padres, e quando amanheceu, os padres viram elas, chamaram os homens porque elas eram de menor." Sobre seu futuro, garante: "Quero fazer qualquer coisa, mas não quero saber de roubo."



Foto Bettina Turner

Vizinhaça da PUC

Para os meninos, os roubos de toca-fitas que lhes são atribuídos são muito maldosos, daí vem a polícia e leva todo mundo. Só que nada ficou provado e a gente logo é solto.

De um modo geral, eles têm entre 12 e 17 anos, havendo os maiores como o L.C. que tem 19 anos. L.C. é o dono da rua, chegou primeiro. Na Bartira, todos são muito unidos e brigam raramente por causa do dinheiro. "Quem pegar é dele", mas o chefe tem certa prioridade.

Alguns já trabalham no pedaço há mais de 6 anos. E. diz que vai estudar à noite para ser engenheiro, ou mecânico. W. completa: "Quero ser qualquer coisa, menos lixeiro ou limpador de banheiro!"

MEMÓRA SINDICAL

Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco

Constantino Stoiano, ou simplesmente "Costa" nasceu dia 14/4/1927, em São Paulo mesmo. Era o mais velho de seis irmãos e começou a trabalhar como vidreiro, aos 12 anos. Em 63 foi um dos fundadores do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco.

Este depoimento foi dado ao Movimento pelo CENTRO DE MEMÓRIA SINDICAL (r, Caetés 84 tel. - 262.5956), que está aberto aos interessados e ao qual agradecemos a colaboração.

"Meu serviço na Vidraria S. Paulo na Rua do Hipódromo era carregar vidro numa pazinha e levá-lo ao forno para retemperar. Em 1942 passei a trabalhar na Gráfica Ferreira Pinto, que existe até hoje, mas agora se chama Souza Cruz. Aí, de certa forma, eu tinha a função de metalúrgico, sendo torneiro mecânico na oficina mecânica da gráfica. Minha participação política começou na gráfica, onde trabalhei com Seu Antônio, um anarquista. Ele era sindicalista desde 1917. Naquele tempo, a guerra estava no auge e Seu Antônio a vivia intensamente, levantando discussão, defendendo a União Soviética. Em 1944 conheci na gráfica um elemento do Partido Comunista que logo me deu o livro "A Mãe" de Gorki. Quando ele viu que eu gostava de ler, me deu o livro "Os Dez Dias Que Abalaram o Mundo", de John Reed.



Foto Ricardo Alves - Ohoré

Constantino Stoiano tando ao trabalho. Criada em 1943, a UGT participou da greve. Na gráfica, nós pedíamos 20% de aumento, o que não era nada.

Em 46, fizemos outra paralisação. Em 47, o Dutra interveio em todos os sindicatos, o que desmantelou o movimento. Só no ano seguinte começa a ressurgir. Já no ano de 1946 eu estava no sindicato dos metalúrgicos, pois trabalhava na Metalúrgica Lança, que nasceu em consequência do desenvolvimento da indústria do alumínio no pós-guerra. Antes, o processo era doméstico, muita coisa de ferro. Daí começou-se a usar panelas de alumínio. Fui para a Lança trabalhar na feitura das formas que eram todas cromadas. A metalúrgica era pequena, tinha uns 150 funcionários, mas logo começou a se desenvolver. Em 4 anos, a "fabriquinha" virou um "fabricão", pegou uma quadra inteira, com uns 700 empregados. Igual à propaganda.

A FABRIQUINHA VIROU UM FABRÍCÃO

Sai da metalúrgica em 52, quando fui desligado da produção. Em fins daquele ano, surgiu uma luta pelo abono de Natal. A orientação do Partido Comunista era pelo sindicalismo paralelo, embora muitos elementos não seguissem a orientação e permaneceram ligados ao Sindicato. Nesse contexto aconteceu a greve de 53, tirada numa Assembléia com 300 pessoas, quando a categoria tinha mais de 100.000 trabalhadores. Entraram em greve também os gráficos e, depois os vidreiros. No antigo Hipódromo da Moóca as diversas categorias se reuniam: era uma Assembléia Intersindical. A greve durou uns 15 dias. Hoje, olhando criticamente, o mal que eu vejo é que na prática a greve foi executada pelos comunistas das empresas e por um grupo de elementos, só. A

massa ia no bolo, sem saber por quê. Nessa época o PC tinha organizações fortes nas grandes empresas. O único saldo organizativo foi o crescimento dos sindicatos, mas houve muito pouca conscientização.

OSASCO ERA UMA FEDENTINA SÓ

Em 59, fui pra Osasco trabalhar na Cobrasma. Osasco ainda não era município, o que ocorreu em 1961: era distrito de S. Paulo. Algumas fábricas se instalaram lá, como a SEMER, SIMAP e se haviam instalado algumas vilas-empresas. Para a criação das subdesdes do Sindicato em Osasco e Guarulhos, houve uma discussão muito séria em S. Paulo. O Sindicato comprou uma casinha onde hoje é a sede dos metalúrgicos. Começamos a atender o pessoal através de um advogado. Depois criamos dois cursos de desenho mecânico. Assim as pessoas eram atraídas para o Sindicato. Em 61, nós tínhamos 109 sócios para 3.000 trabalhadores: o número era insignificante. A autonomia de Osasco veio precedida de uma luta que contou com o apoio popular, dos Sindicatos, Sociedades de Amigos de Bairro. Quando cheguei lá, houve um plebiscito sobre a autonomia, que perdeu. Então foi criado um comitê pela emancipação de Osasco, no que políticos tinham interesse. Um Departamento Jurídico mostrou que o caminho era através da Câmara Federal. Para isso, o mobilização popular era importantíssima e as várias organizações começaram a se mexer. A sensibilização se deu devido ao abandono de Osasco. Só havia 3 avenidas asfaltadas: o resto era tudo barro. Além disso, os problemas eram esgoto e água encanada. Osasco era uma fedentina só. O comércio deu total apoio e a vitória veio em 62. Daí veio o nome de Av. Autonomia.

O Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco foi fundado em 63. O presidente era Conrado del Papa e eu fui o secretário. Naquele ano aconteceu a greve dos 200.000 trabalhadores de várias categorias. Nossa preocupação era a sindicalização e a mobilização porque se ficássemos só na luta reivindicatória, apenas de ano em ano o trabalhador era mobilizado. Além disso, o trabalhador tinha a imagem de que o Sindicato sempre trazia confusões com a polícia. E geralmente traz mesmo. Mas nós tínhamos que trazê-lo pro processo de educação, de participação. Concluimos que ao lado dos cursos de desenho mecânico, haveria palestras, discussões. Trazíamos o Chamorro, o De Lelis, outros dirigentes e algumas autoridades. Os temas eram variados e o pessoal foi tomando gosto. Tínhamos comitês nas empresas, só que não era um negócio aberto. A empresa não podia saber de jeito nenhum senão varria todo mundo de lá. Isso forçou a sindicalização. Quando pegamos o Sindicato, já havia uns 800 sindicalizados e depois de 3 meses da fundação estávamos com mais de 4.000 sócios. Na Cobrasma, tínhamos 60% de sindicalizados, com frequência contínua e mobilização para os problemas políticos do município.

Com o golpe militar vem a intervenção. Depois, com José Ibrahim, foi formada uma chapa em condições de levar o negócio pra frente. Em 69 encontramos-nos na cadeia e tive oportunidade de conhecer grande parte deles, que me conheciam só de nome. Eu disse a eles: Tenho a impressão que vocês precipitaram todos os acontecimentos. Há momentos em que a gente tem infra-estrutura, mobilização da categoria mas está isolado politicamente: foi o caso de vocês. Só para entender isso, basta lembrar a greve dos metalúrgicos de 79: o Lula tinha o apoio da Sociedade Civil. Sozinho a gente não faz nada".

**MOVIMENTO PELO
CENTRO
DE MEMÓRIA
SINDICAL**

RUA CAETÉS, 84, FUNDOS-
PERDIZES-SP
TEL.: 262.5956

OS OITO DE CHICAGO

O Dia do Trabalho nos Estados Unidos é comemorado na segunda semana de setembro, na Itália coincide com a data da fundação de Roma. Em ambos os países o 1º de Maio é considerado uma "data comunista", que chegou a ser duramente reprimida pelo fascismo de Mussolini. Contudo, afora EUA, Itália e Canadá, em todo o mundo, Dia do Trabalho é mesmo 1º de Maio.

Tudo começou em 1886, 1/5, quando cento e dez mil membros da Federação dos Trabalhadores dos EUA e Canadá cruzaram os braços. Reivindicavam uma jornada de trabalho de "apenas" oito horas. Exigiam também que a operária grávida não precisasse trabalhar até às vésperas do parto. Naquele tempo era "normal" que a jornada de trabalho fosse de 18 horas, para homens, mulheres (grávidas inclusive) e crianças, muitas das quais morriam de tuberculose.

Comício no Haymarket, Chicago. Na praça, 80 mil operários. No palanque, líderes operários e também o Prefeito. O ambiente era tenso. De repente é jogada uma bomba que mata 7 policiais e fere muitos outros. Horas antes a polícia já havia disparado contra a multidão. Daí surgiram choques que duraram dias. Acusados de provocar a explosão, são presos: Michel Schwab, Oscar Need, Samuel



Arquino Obort

Fielden (depois condenados a 15 anos de prisão), August Spies, Adolph Fischer, George Engel, Albert Parson e Louis Lingg (todos condenados à forca, sendo que o último "foi suicidado" na prisão). Eles são conhecidos como os "Oito de Chicago". Os três que ficaram presos foram libertados 7 anos depois, já que as investigações apontavam para um tal Rudolph Schnaubelt, que desaparecera.

No ano de 1886 houve mil greves nos EUA e dois anos depois estava conquistada a jornada de 8 horas. Em 1889, o Congresso Internacional Socialista, em Paris, estabelecia como data do Trabalhador o 1º de Maio.

NO BRASIL

Nos jornais de, digamos, uns 16 anos para cá, se não fosse a data, a impressão que se tem é de que rela-

tam o 1º de Maio do início do século. Não dá outra: é prisão, choques com a polícia, proibições. Só mais recentemente as coisas amenizaram. Podemos destacar: Em 1966, o 1º de Maio foi chamado de "Dia de Luto e de Luta": exigiu-se a recuperação da estabilidade, do direito de greve e contra o arrocho que em 2 anos comeria 30% do poder de compra.

Em 1968, as manifestações foram proibidas em todo o País, exceto em S. Paulo, onde estava programada concentração na Praça da Sé. A polícia estava de prontidão, o apoio da Igreja estava duvidoso. Eis senão quando o Gov. Abreu Sodré anuncia que compareceria: "eu falarei aos trabalhadores do meu País". Nas primeiras palavras de seu discurso, Sodré é atingido por pedras. Posteriormente sindicatos e pastoral operária repudiaram a agressão: "operário verdadeiro não vai antes de ouvir".

— Em 1978 o Pres. Geisel se encontra com 800 sindicalistas num jantar realizado no Palácio Bandeirantes. Os "novos líderes" (Benedito Marcílio e Luís Inácio) se negaram a comparecer ao jantar. O movimento Contra o Custo de Vida recolheu abaixo-assinados na periferia de S. Paulo. Em Minas houve uma missa pelos operários, que no entanto foram proibidos de sair em procissão de suas paróquias até o lugar da cerimônia.

— 1979. Em São Bernardo realizou-se o "1º de Maio Unificado" com representantes de várias categorias profissionais. Em Vila Euclides estavam 150 mil. O poeta Vinícius de Moraes, ao lado de Lula, recita "Operário em Construção", como se fosse da primeira vez. No Rio, mais de 30 artistas promovem shows para levantar fundos de greve e para financiar encontro de dirigentes sindicais.



1886-Chicago

Monitoria em Questão

ALBERTO Z. TORON

(monitor de Antropologia-Básico)

Dentro do quadro da reformulação dos Estatutos da PUC e em face às discussões de um novo projeto do Ciclo Básico, os monitores se organizaram em Comissão. Pretendem tratar da efetiva definição da atividade.

O novo projeto para monitoria se insere na discussão do Básico e leva em consideração as condições de ensino da PUC. A falta de verbas, por exemplo, atinge nossa "remuneração" (Cr\$ 960,00, por semestre) e compromete a pesquisa. Por isso, é preciso partir das reais condições de ensino a fim de se proporem alternativas.

A monitoria passa por uma crise. Isso se pode verificar pelo considerável número de professores que dispensa o trabalho de monitores, os quais permanecem por pouco tempo nas cadeiras. Também a visão do aluno acerca do monitor é bastante crítica (para sermos amenos). Para perceber a crise importa partir desde o treinamento até a entrada do monitor em sala de aula. Convém lembrar que o atual estatuto entende que o monitor deve incentivar a pesquisa, organizar

seminários, etc.

Em verdade, o tal incentivo à pesquisa reduz-se à mera leitura e discussão prévia dos textos a serem entregues aos alunos (embora por vezes seja apresentado algum texto complementar para aprofundamento de algum ponto). A isto se chama "treinamento de monitores". A famosa entrada em sala de aula — que despertaria a vocação para o magistério — via de regra se resume na distribuição de textos, cobrança de apostilas e demais assessoramentos burocráticos. Na seqüência, o monitor deve percorrer os "grupinhos" a fim de dinamizar as discussões e dirimir eventuais dúvi-

das. Em "grupão" ele pode intervir mas não muito. Finalmente cabe-lhe assistir às eventuais aulas expositivas.

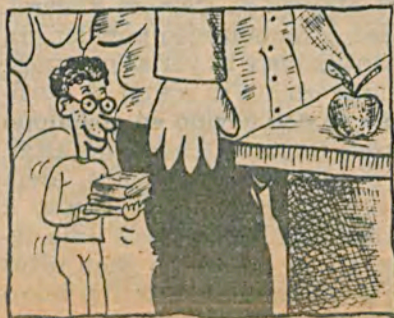
É evidente que essa "excitante e sacerdotal" função acaba, data venia, enchendo o saco. O monitor se vê assim confinado a um estreito papel, objetivamente determinado pela metodologia de ensino que não abre espaço para seminários e outras atividades. Repetir discursos, eis a grande função do monitor! Quanto ao professor, reclama quando o monitor tem colocações diferentes das suas ou quando não tem preparo suficiente.

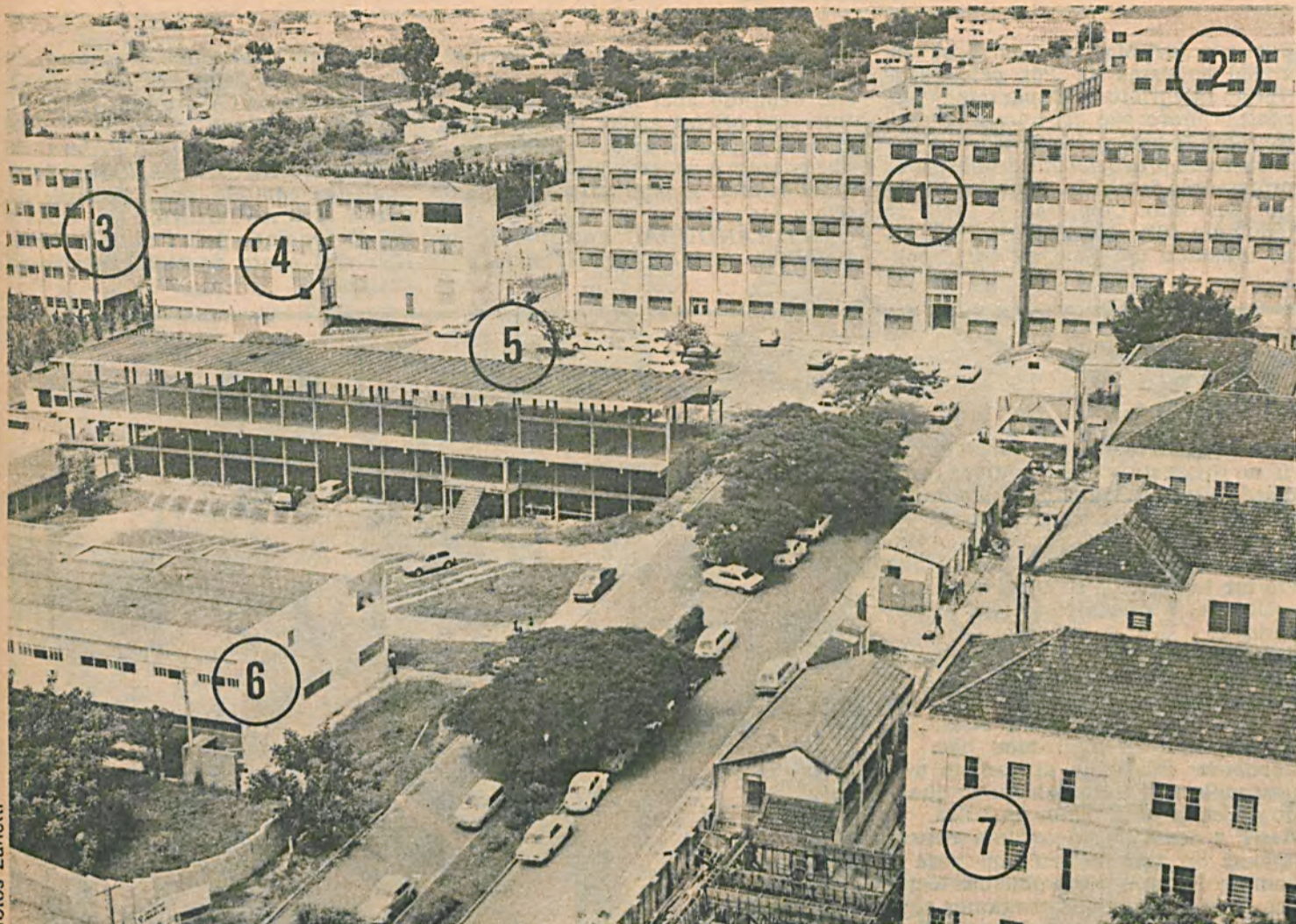
Em ambos os casos, o curso perde qualidade, pela hibridiz da sistemática das aulas e carência de treinamentos. Além disso, trabalhar o monitor pode significar-lhe mais atividade não-remunerada.

A função de monitor resulta confusa pois o trabalho não tem especificidade. Seria necessário que as disciplinas incluam em sua programação atividades específicas dos monitores; que a Universidade cubra os custos de pesquisa e as horas de trabalho do monitor com treinamento e em sala.

A comissão pela monitoria inclui em sua pauta de discussões a forma de acesso à monitoria (aquí é via-convide e não por concurso como em outras Universidades) e os requisitos e restrições ao aspirante à função.

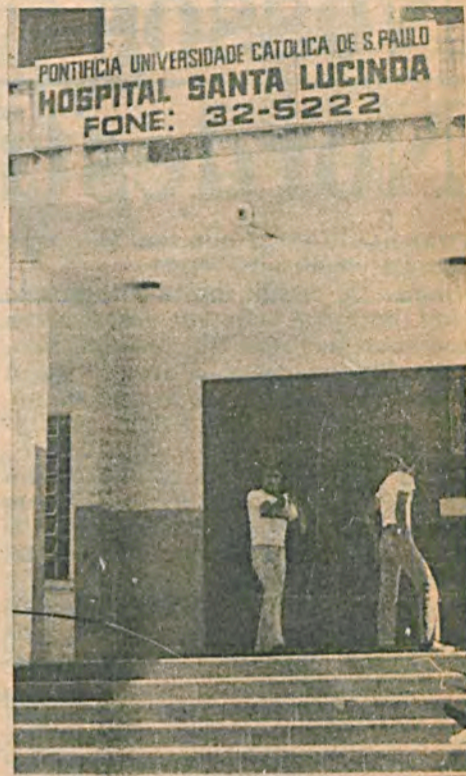
É fundamental a participação de monitores, professores e alunos nas reuniões que se realizam todos os sábados às 9 horas na sala de PFTHC, sala 28 do Prédio Velho. Com tais reuniões pretendemos elaborar novo projeto para a monitoria. COMPAREÇA!





- 1-Faculdade de Medicina
- 2-Hosp.Regional de Clínicas
- 3-Hosp. Leonor Mendes de Barros
- 4-Prédio do CAVB
- 5-Futura (há 15 anos) Biblioteca
- 6-Faculdade de Enfermagem
- 7-Hosp.Santa Lucinda

Hospital-Escola, que em 78 deu 7 milhões de prejuízo e neste ano dará superávit, graças a uma nova administração.



fotos Zanetti

A república de branco

MEDICINA E ENFERMAGEM

Talvez o pessoal dos campi de Marquês de Paranaguá e Monte Alegre não tenham noção do mundo que é o campus Sorocaba. Lá se reúnem 200 alunos de Enfermagem, 700 de Medicina, 20 de Pós-Graduação: desse total, cerca de 80% vêm de São Paulo e vivem em "repúblicas" (que são capítulo à parte).

A Faculdade já existe há 29 anos e foi a primeira da Região. Seus estudantes e professores é que movimentam os 3 principais hospitais: Santa Lucinda (hospital-escola), Leonor M. de Barros e Regional de Clínicas. Através deles são atendidos 200 mil pacientes/ ano.

O Centro de Medicina e Enfermagem passa no momento por reforma acadêmico-administrativa. O regime acadêmico passou a encarar o Profissional da Saúde como Clínico-Geral ao invés de dar ênfase na especialização. Houve tamanha aceitação que — curiosamente — os alunos passaram a pedir aulas, passam muito tempo nas enfermarias-gerais. As quartas-feiras de tarde são dedicadas a atividades comunitárias, es-



Trote em 1979. Espera-se que esta cena, parte de um ritual violentíssimo, entre mesmo para o passado.



Enfermaria do CA onde se distribuem remédios gratuitamente mediante apresentação da receita

portivas, representativas. A reforma atingiu também a excessiva carga contratual de muitos dos 200 professores: já houve a redução de mil horas semanais num efetivo esforço de racionalização de contratos. Há uma comissão de coordenação didática que preside à instalação do currículo.

Houve também uma reforma de prédios, que durou 2 anos. O Hosp. Santa Lucinda passa por reformas parciais que aumentarão a sua capacidade em quatro vezes. Novo Pronto Socorro estará pronto em agosto. O Hosp. Regional,

de propriedade do Governo será entregue em julho.

No início deste ano os jornais noticiaram que a PUC não pagaria senão 25% das bolsas dos alunos do 5º e 6º ano (antes pagava 50%), devido à difícil situação financeira. Esta situação vem desde o início da Faculdade (sendo que o Curso de Enfermagem foi inteiramente gratuito por muito tempo) devido à alegação de que tais cursos, pela sua raridade e interesse social evidente, precisavam ser incentivados pela própria instituição.

RECOMENDAMOS

Dr. JOÃO CORIOLANO REGO BARROS

Pediatria
Consultório: Av. Paulista, 1.159
13º and. conj. 1310
tel.: 285-5828

DR. SOUBHI KAHHALE

Obstetrícia e Ginecologia

R. Cardoso de Almeida, 788/Conj.
122 - (12º andar) - Fone: 864-1196

**Lanchonete 1010:
'Cantinho do Maranhão'
música ambiente
comida caseira
batidas
Venha conhecer**

R MINISTRO GODOY, 1.010

Zapata
Ciências Humanas

Horário das 9 às 22 hs
Rua Dr. Cesário Mota Jr. 285-
Tel 2222861



Nossos

Nordestinos

PORANDUBAS: O que tem sido para vocês a vivência na PUC?

Irinéia: Eu recebi muita informação aqui. Em geral acho que desenvolvi a consciência crítica. No curso de Psicologia Clínica, meus contatos com a Profª Rosa Macedo me trouxeram novas questões, consciência profissional.

Maux: Vim para cá por escolha. Sabia que a PUC é quente e encontrei o que esperava, uma Univ. aberta para críticas à realidade nacional. Dou peso igual às informações que recebi tanto fora como dentro de classe. Senti liberdade de o aluno se expressar: os professores incentivam a que criemos nossa opinião.

Assis: Aqui pude crescer em todos os âmbitos, social, político. Ao sair de Fortaleza e enfrentar um centro grande, senti um embate muito grande e foi necessária uma reestruturação. Principalmente em termos de professores, tive abertura de horizontes, visão melhor da conjuntura política. No Nordeste não temos acesso a fontes como aqui. Estou até integrado no projeto que estuda a História da PUC. Escolhi vir para cá porque tinha amigos aqui e devido à produção científica: apesar da repressão, a Católica usa dos espaços de que dispõe.

Raquel: Meu caso é um pouco diferente. Eu estudei em Bauru-SP e sempre tive inquietação sobre as disparidades regionais. Eu tinha interesse político de ver que o Brasil não é São Paulo, mas o Norte-Nordeste é imenso e é preciso dar nossa contribuição nesses lugares. Não quis ir para lá numa perspectiva colonialista mas de aprender com eles. Daí voltei de Fortaleza para cá, fazer o Pós, pois teria que cumprir esta exigência para poder continuar trabalhando no Nordeste.

Eu poderia ter ido à USP mas, como os colegas, a PUC me pareceu um espaço onde se respira mais que em outras Univ. Aqui ressalto que é preciso não deixar de apontar arbitrariedades que ainda existem, como a expulsão de sala daquele aluno de Direito ano passado, que ia dar um recado de sua entidade. Lá no Pós também vemos como incorreto a intenção de departamentalizar o Pós.

Leonardo: Saí do R.G.Norte com 18 anos. Fui para o Instituto de Pesquisas Espaciais fazer rastreamento de satélites. Foi o maior contraste com meu meio de origem: lá havia relógio atômico, gravador com 24 canais. Mas a vida lá era muito mecanizada e

Segundo Joel Martins elas chegaram a 180 bolsistas de Pós pelo PICD (Plano Integrado de Capacitação Docente). Agora são em número irrisório, porque passou no Congresso, por decurso de prazo, lei que desobriga os professores das Univ. Federais de fazer mestrado. Com isso, o PICD se reduziu a 10%: no momento, o governo inventou um Pós por correspon-

dência. Há até um grupo de franceses encarregado do Programa, em Brasília. Segundo Joel Martins, "não há interesse oficial em se formar consciência nacional, uma vez que os alunos passam a ver seus problemas com mais nitidez. A regionalização mantém a opressão".

PORANDUBAS entrevistou a **IRINÉIA ALMEIDA**, do Recife, en-

viada pelo Instituto Paraibano de Educação de João Pessoa; o **LEONARDO BARATA**, graduando em Ci. Sociais; o **FRANCISCO DE ASSIS OLIVEIRA**, enviado pela Federal do Ceará; a **RAQUEL BAUSALOBRE**, paulista, enviada pela Federal do Ceará e o **ARTHUNIO DA SILVA MAUX** (enviado pela Fed. R.G.Norte. Eles dão conta de sua experiência pessoal).

percebi que a tecnologia, tão valorizada no Nordeste, era diferente da realidade da vida, o trabalho lá era muito alienante. Isso me trouxe uma crise e rompi com a situação. Por isso vim fazer Ciências Sociais aqui, porque era um lugar onde se podia transar a realidade já que o resto fora expurgado.

PORANDUBAS: Quais as dificuldades que vocês têm encontrado?

Maux: Só para sentir o drama: hoje eu recebi a bolsa de março. O estado da Irinéia paga em dia; o meu, não.

Leonardo: Eu tenho um amigo que passa telegrama, chega a chorar quando atrasa o pagamento da bolsa.

Assis: a nossa bolsa costuma atrasar apenas do fim de um ano para o começo do outro por problemas técnicos. O principal é que chegamos aqui inteiramente deslocados, sem moradia. Também estranhamos a diferença de espaço porque lá é tudo pertinho: quando vi SP de avião pela 1ª vez, minha impressão foi de ver um monstro. Cheguei na 3ª f. de Carnaval, fiquei perdido, isolado.



Irinéia

Irinéia: Aqui passamos muita solidão, uma tremenda saudade. A preocupação social nessa cidade é tão grande que o lado humano se perde. É igual a um pássaro preso na gaiola. Vivia falando com ascensorista de elevador, motorista de taxi, devido à solidão. Na PUC me encontro em casa.

Assis: Ao chegar em SP procurei morar em casa de família. Com o tempo descobri em mim um pouco da personalidade paulista: incorporei o medo da violência, a tensão, desconfiança, a sensação de me diluir na massa. Só me sinto seguro aqui na PUC. Por outro lado, a gente se assume mais, longe da estrutura paternalista do Nordeste: agora preciso decidir por mim mesmo.

Maux: Igual a vocês, eu também sou morador na PUC.

Leonardo: Quando cheguei a SP fiquei chocado quando fui pedir informação a um transeunte e ele correu de mim. Se fosse em Natal, era capaz do sujeito me levar de carro e ainda pagar um guaraná...

Irinéia: aqui aprendi a suportar as coisas, a falta de conforto. Passei a sentir melhor solidão.

Assis: Vou vantagem na praticidade paulista, de se virar, não ter gente se intrometendo na sua vida, nada de moralismo. Posso andar de qualquer jeito.

Maux: É, eu tolero essa situação mas não aceito. Eu passo o dia na rua, faço compra, vou ao cinema e no fim do dia



Fotos Bettina Turner

Assis Raquel Maux

não cumprimentei ninguém. Fui assaltado 3 vezes e só vi polícia na rua um ano e 4 meses depois que cheguei. Meus bolsos estão costurados.

Irinéia: Eu volto ao Nordeste com vontade de lutar pela dimensão humana e social. Não pretendo mais viver presa ao trabalho de consultório clínico, que serve a uma classe social apenas. Em minha pesquisa procurei romper com o consultório.

Assis: Perdi aquela visão romântica do NE, porque lá é também desumano como SP. Lá também tem individualismo, tensão, só que aqui é duplicado. Mas aqui, a nova visão nos faz tomar posição política. Penso que o humanismo é utópico dentro da estrutura capitalista.

Leonardo: No meu caso, houve mudança de status. Aqui sou estudante, como muitos outros. Lá eu seria da pequena ou média burguesia, mas aqui não sou tão privilegiado. Daí que muito nordestino tem saudade não da sua terra mas da situação burguesa.

Assis: É, mas isso não acontece comigo, embora eu reconheça que o fato de ter feito até uma simples especialização em SP já é ponto tranqüilo de ascensão, ele próprio no currículo.

Leonardo: Essa situação decorre do colonialismo cultural. A pessoa não vai mais para a Europa mas vem pro Sul Maravilha. No NE há muita massificação, muita repressão. Em Natal, há influência americana desde a guerra: lá foi base aérea, com aviões militares chegando cada 5 minutos. Há grande incorporação de palavras americanas na fala cotidiana. O natalense se identifica com o povo americano. O objetivo maior da vida é falar inglês: todo ano vão mais de 200 "jovens de boas famílias" passar 6 meses nos EUA. Natal é a cidade mais americanizada do NE: tem o maior consumo de drogas da região e maior liberdade sexual.

Raquel: Vou retomar uma questão. Essa solidão não é privilégio do nordestino que aqui chega, pois eu tive a mesma sensação em SP, apesar de ter família no Estado. O mesmo acontece com o caboclo. Também, ao chegar em Fortaleza, senti diferença no tratamento, dificuldade de entrosamento. Ao falar para meus alunos, meu sotaque me traía porque era olhada como paulista, não conseguindo me diluir

no conjunto daquelas pessoas. Creio que as migrações sempre implicam ressocialização. Daí tirei duas idéias claras: primeiro, que a estrutura educacional é altamente incorreta, pois desloca gente a quatro mil Km de distância. O ideal seria que as regiões tivessem seus centros formadores ou então houvesse radicação temporária de professores. A segunda idéia é a de que os nordestinos devem ter uma forma de articulação e trocar experiências porque são da mesma região: contudo, é preciso evitar a segregação num canto, formar capelinha. Evitar-se criar aqui uma colônia do NE porque é preciso enfrentar essa cidade louca: aí se aprende muito. Esse isolamento de grupos não existe, mas é preciso estar atento para que se evite.

Irinéia: Em SP não absorvi tudo o que me foi dado. Aprendi valores de comunidade e levo novos parâmetros. Mas não sei quais seriam as formas mais concretas: isso vou repensar lá com alunos, colegas.

Raquel: Eu vejo uma falsa visão romântica sobre o nordestino, de que ele é hospitaleiro, etc. Por aqui ele é meio caricaturado. Não foi maltratada, pelo contrário. Mas o homem do bairro, o sertanejo é acuado, submisso. Essa romantização é uma forma de colonialismo: se o contrário, nas favelas e bairros se vê gente triste, ao contrário da pequena burguesia que é toda sorrisos. A questão é sobretudo de condições de vida da classe social. O povo nordestino está no mesmo horror de todo brasileiro: a idéia da cordialidade é falsa.

Leonardo: Discordo inteiramente. Os menos abastados é que são os mais receptivos no NE. O proletário é solidário até a morte.



Leonardo



Pe. Enzo



ENQUANTO ISSO, EM SOROCABA



MAS PODE ME CHAMAR DE REPASSE!

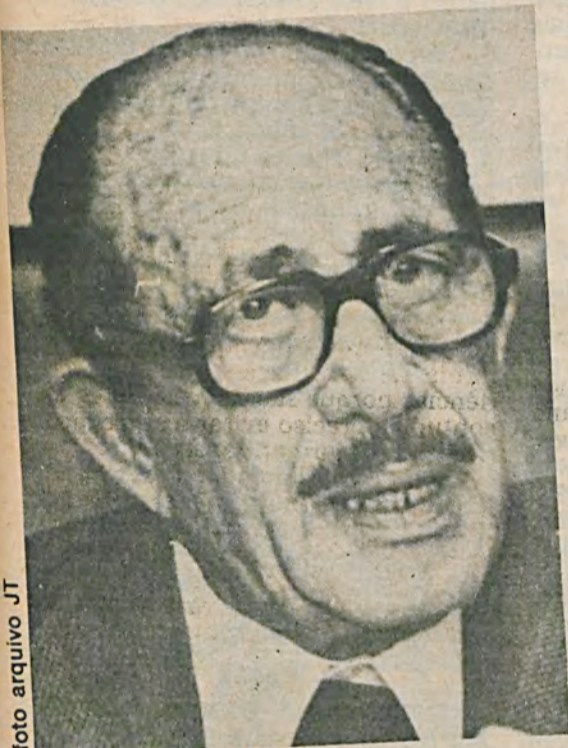


foto arquivo JT

Theobaldo de Nigra

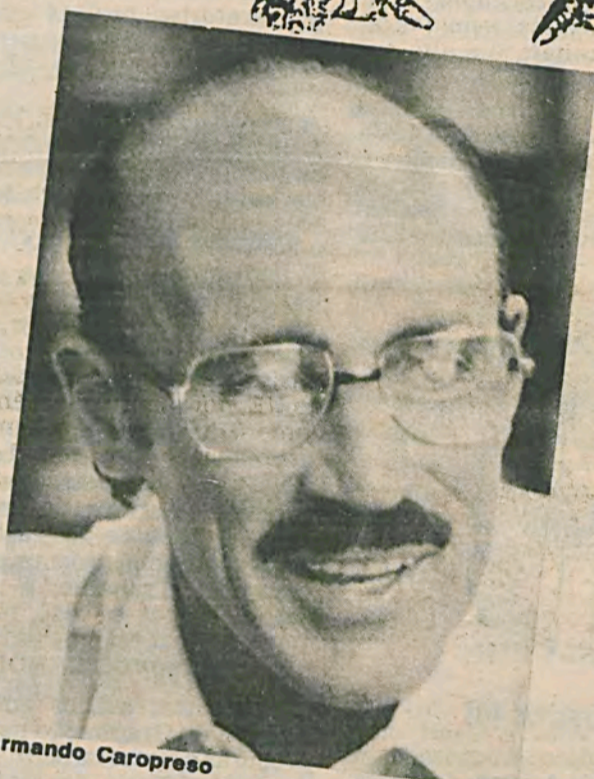


foto Zanetti

Armando Caropreso

QUALQUER SEMELHANÇA É MERA COINCIDÊNCIA. QUALQUER COINCIDÊNCIA É MUITO AZAR...



A LIVRARIA DO CORTEZ TEM NOVO ENDEREÇO!!!

A POLÍTICA SOCIAL DO ESTADO CAPITALISTA: As funções da Previdência e da Assistência Social. Vicente de Paula Faleiros

REVISTA SERVIÇO SOCIAL & SOCIEDADE Nº 2

GRAMÁTICA PORTUGUESA NA PESQUISA E NO ENSINO I.P.

CADERNOS DA PUC - Co-edição Cortez Editora/Educ

REVISTA EDUCAÇÃO & SOCIEDADE Nº 5

COMUNICAÇÃO DE MASSAGEM MASSA - Sergio Caparelli

SERVIÇO SOCIAL NA EMPRESA UTOPIA REALIDADE? - Grupo Meta

CRESCIMENTO E AJUDA VEREDAS EM PSICOLOGIA - Mauro Martins Amatuzy

ATENDEMOS PELO REEMOLSO POSTAL DE SEGUNDA A SÁBADO DAS 7.00 ÀS 23.00 H

Rua Ministro Godoy, 1113. Fone: (011) 864-6783 - SP

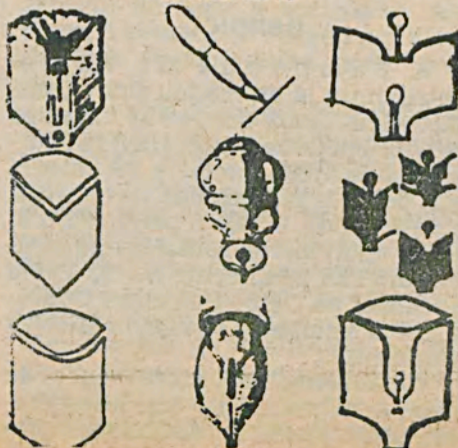
CORTEZ Editora e Livraria



LIVRARIA MANDURI

NOVO ENDEREÇO

R. Consolação, 265 Tel. 256-9610



JEANS POINT

A LOJA DE JEANS QUE FALTAVA EM NOSSO BAIRRO

Rua Cardoso de Almeida nº 170 - Loja 8 Esq. R. Dr. Cândido Espinheira

CINCO DEDOS(I)

Assistente Administrativo comunica que tem havido grande número de furtos nas dependências da PUC. Transmite a recomendação da Polícia de que as vítimas devem registrar queixa na Delegacia, o que facilita o trabalho de busca. Informa que o número de "trombainhas e marginais que assaltam nas proximidades da PUC vem aumentando dia a dia, ficando difícil a vigilância". Recomenda que se evite deixar objetos de valores em lugares de acesso fácil e que em caso de roubo se comunique à Administração para que se tomem medidas de segurança (ramal 360).



A Reitora Nadir Kfourl e o Secretário Geral do MEC, Tarcísio Della Santa

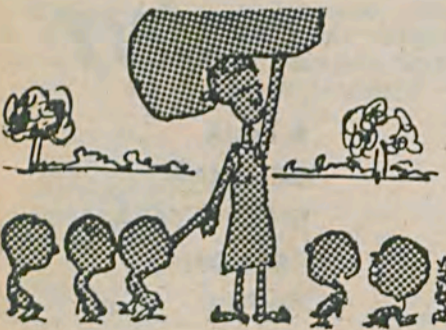
VERBA: CHEGA? NÃO CHEGA?

Dia 10/5 a Reitora Nadir Kfourl e o Vice-Reitor Armando Caropreso tiveram contato com o Secretário Geral do MEC Tarcísio Della Santa a fim de conseguir liberação de pelo menos metade da verba de Cr\$ 45 milhões prometida na última viagem a Brasília. Assim se poderia fazer frente ao déficit de maio, que se refere exclusivamente à folha de pagamentos. Em junho haverá déficit semelhante. A propósito, a Reitoria soltou um comunicado à Comunidade Universitária em que esclarece as dificuldades financeiras atuais e seus reflexos sobre a folha de pagamentos.

Dia 14/5 a Fundação São Paulo se reúne para o exame do Balanço de 1979 e previsão para 1980.

URPLAN

Na edição anterior, PORANDUBAS entrevistava um grupo de Educação Popular ligado ao Instituto de Planejamento Regional e Urbano (URPLAN). Esse grupo não deslanchava por falta do "cum quibus". Pois bem, a verba chegou do Canadá e o projeto de cadernos populares vai deslanchar. O Instituto também promove um seminário sobre "Estado Urbano e Participação Popular" para mais de 100 pessoas. Detalhe: o curso é dado no FUNDAP porque a PUC não tinha salas...



QUEBRADAS DO MUNDARÉU

A professora SYLVIA RIBEIRO, do Centro de Educação, se mandou para Itacoatiara, AM. De lá tornou-se correspondente do PORANDUBAS. Conta-nos de uma viagem à comunidade do lugar de Jurupari, para saber das adesões a um encontro promovido pelo Centro de Treinamento de Itacoatiara.

Há 10 anos a Igreja vem promovendo a união das comunidades, em torno de centros sociais que são escola e capela. Os pontos mais distantes de determinada área abrangida pelos centros distam dele duas horas, *remando*.

As diretorias das comunidades são eleitas pelo povo e apesar de não serem entidades jurídicas começam a ser convocadas pela Prefeitura. Os líderes das comunidades vinham ao Centro de treinamento seguir cursos para dinamizar as bases.

"Quando chegamos a Jurupari, conta Sylvia, fomos atrás do presidente que estava em puxirum (mutirão) na melhoria do caminho por onde passa a professora. Fomos pela estrada quando topamos com uma cobra estendida de um lado a outro, 1,5m de comprimento. Logo ela sumiu no mato. Quando chegamos, os homens foram tomar banho no rio e almoçar; comemos tucunare com farinha de mandioca e, para terminar, café amazonense fraquinho e doce. Depois, reunimos em baixo das árvores. Por sorte as crianças estavam quietas: é comum um berreiro que atrapalha bastante as reuniões. Combinamos o encontro de 3 dias e planejamos a distribuição das tarefas (buscar água, cozinhar, etc). Todos vão contribuir com alguma coisa para comer.

Voltamos. O rio está baixo, as margens estão nuas, formando bonitas praias. No meio do rio está enclachada uma enorme balsa com automóveis: vários rebocadores não conseguiram soltá-la. Voltei pensando na necessidade de conhecer o povo para crescer com ele.



CINCO DEDOS (II)

O fato é verídico. Aconteceu na Rua Caiuby, depois das aulas do período noturno. A jovem senhora entrou sossegadamente no carro, procurou uma fita com suas músicas prediletas, calibrou o som. Ia dar partida ao carro quando... "isso é um assalto! Vai passando a grana!" Na sua frente, um homem tremia um pouco menos que ela: "por favor, leva o carro, o dinheiro mas me deixa ir embora!", disse a puquiãna. O assaltante berrou: "Você é tonta! Eu quero é seu dinheiro porque sou ex-detento e não consigo emprego de jeito nenhum. Preciso alimentar as crianças e por isso faço meu assalto toda a noite".

DERDIC

A campanha de sócio-contribuinte já arrecadou Cr\$ 1,5 milhão. Além disso, dia 14/6 se organiza festa junina de arromba. Haverá churrasco, pescaria, argolas e se calcula mais de duas mil pessoas: os convites estão à venda, e valem para o sorteio de um aparelho de som. Haverá também um chá beneficente no dia 11/6 a se realizar no Clube Paineiras. Contudo, esses resultados são ainda MUITO insuficientes.

Finalmente, na DERDIC (além de arranjar grana feito uns desesperados), estão sendo encaminhadas propostas para o novo estatuto.

CURTAS

QUEBRADAS DO MUNDARÉU (II)

Através da Prof. Sílvia Ribeiro, a Reitoria mantém contato com o Bispo da Prelazia de Itacoatiara ("Igreja-Irmã" de São Paulo) para verificar como a PUC pode colaborar na educação daquela localidade amazonense. Dia 24/4 houve uma reunião onde se decidiu que professores da PUC irão a Itacoatiara em julho para treinamentos na área rural através do PROTER:



APROPUC: ASSEMBLÉIAS

A fim de encaminhar propostas dos docentes para a Reforma dos Estatutos, haverá dia 27/5 três assembleias preparatórias (às 9, 14 e 20h) as quais levantarão propostas para a Assembleia Geral, a se realizar dia 28, 4a. feira às 20 horas.

A comissão de salários, que levanta a situação salarial e financeira da PUC, se tem reunido às terças-feiras às 17 h. na sede. Todos convidados.

COMIDA SEM ATRAVESSADORES

Em Lins existe uma roça comunitária, fruto de trabalho de bóias-frias que resolveram assumir seu destino. Para dar vazão à sua produção, foram feitos contatos com centros consumidores. A primeira encomenda feita por Osasco chegará dia 17/05. O preço das hortaliças é 40% mais baixo que no CEASA-SP. A promoção é do IPPH, Instituto Paulista de Promoção Humana de Lins. Se você estiver a fim de uma economia procure a Frente Nacional do Trabalho, à Avenida dos Autonomistas n° 2546, tel. 801.7749.

PÓS: NOVOS CANDIDATOS

Os interessados em começar a cursar Pós-Graduação na PUC devem procurar a Secretaria do Pós (4° andar do Prédio Novo da Monte Alegre e para os cursos de Matemática e Física na R. Marquês de Paranaguá). As inscrições irão do dia 2 a 14/6.

EDUCAÇÃO NA AL

Dia 25/4, Elza Lobo pronunciou conferência sobre "Experiências Educacionais na AL". Promoveu a APROPUC.

Foi abordado o pensamento humanista que influenciou experiência e reformas educativas durante a década de 60, onde havia preocupação com a experiência curricular do trabalho, pois os que iam para os cursos profissionalizantes não podiam prosseguir os estudos. Assim, tal concepção visaria a formar um exército industrial qualificado de reserva. Segundo Elza, "tal concepção não liga para a realidade do trabalho e forma jovens de consciência ingênua, sem resistência e alienados. Os trabalhadores tornam-se peças obedientes de um sistema profundamente materialista, consumista".

A seguir analisou os modelos cubano, peruano e nicaraguense, com experiências na área da educação não-formal: "se se quer uma nova educação é preciso integrar a comunidade, os pais-de-família, trabalhadores e grupos no processo educativo transformador".

Assim, toda a sociedade é escola. Foram finalmente apresentadas experiências de grupos de base em saúde comunitária, clubes de mães, alfabetização de adultos. Este material informativo está sendo apresentado mais profundamente no curso "Fundamentação e Prática das Organizações Populares", ministrado aqui na PUC.

IEE: TRANSAS MIL

O Instituto de Estudos Especiais anuncia suas promoções:

1 — Curso de Teologia para Comunidades de Base, a se iniciar no 2° semestre. Desta forma se pretende dar subsídios para a prática pastoral das CEBs. O curso terá duração de 4 semestres e sua idéia nasceu do Congresso de Teologia de Fevereiro (cf. PORANDUBAS 27).

2 — Criação de um Grupo de Trabalho sobre América Latina. Pretende-se fazer uma troca de informações que sirvam às bases da A.L. No prelo está o primeiro boletim do IPLA (Informativo Popular Latino-Americano), que será bilíngüe.

3 — Em preparação o livro "A Igreja dos Pobres da A.L." que recolheu as contribuições do Curso de Teologia da Libertação. Por sinal, as apostilas sobre este curso estão à disposição no IEE (r.343).

4 — Prossegue a pesquisa sobre Educação Operária no Jardim Miriam. Foi levantada a situação educacional do bairro e feita análise de perspectivas (IEE. cont).

5 — A pesquisa do Grupo do Trabalho do Menor está em fase de conclusão. Versa sobre o Mundo de Representação do Menor Infrator.

5 — O NEC (Núcleo Educação e Cultura) promove levantamento dos trabalhos de Educação Popular nas Regiões Episcopais de SP. Será elaborado um quadro referencial para ser entregue a Paulo Freire. O NEC está também organizando grupos de compras comunitárias. Contatos com Sônia Barros (r. 343)



TESES

1-"ESTUDO DA DISCRIMINAÇÃO DE SONS DA FALA EM CRIANÇAS NORMAIS" - Evaldo José Bizachi Rodrigues. Dia 30/5, 15h. Orienta: Mauro Spinelli

2- "POR UMA SOCIOLOGIA DOS SISTEMAS SEMIÓTICOS" - Francisco Ivan da Silva Dia 26/5, 10h. Orienta: Décio Pignatari.



CLÍNICA MÉDICA
JOÃO RAMALHO

Dr. Arthur
Altenfelder Silva Wolff
Ginecologia e Obstetria

Dr. Antonio
Carlos B. Cintra de Souza
Clínica Médica

DESCONTO
PARA ALUNOS DA PUC

Rua João Ramalho, 1222
tel.: 864-9061

LATIN AMERICA: NOW!

A América Latina desta vez vai entrar de sola na Universidade. Está sendo organizado o IRLA (Instituto de Relações Latino-Americanas) para incrementar entre nós a consciência latino-americana, a nível universitário, operário e profissional em geral. Pretende-se fazer intercâmbio de documentação, professores e alunos. Informações pelo ramal 387 (URPLAN)

BOLSAS: ÀS MOSCAS

Joel Martins, presidente do Pós-Graduação, informa que há 4 bolsas de estudo oferecidas pela Capes para o Programa de Psicologia Educacional. Interessados procurem a coordenadora do programa.

A Capes enviou telegrama informando que haverá atraso no repasse das verbas para o pagamento de bolsas. Contudo, assegura que o pagamento sairá ainda este semestre. (Qualquer dúvida acerca da urgência dessas bolsas, conferir nossa matéria sobre os Nordestinos.)



RESTAURANTE MELHOROU?

Seu Geraldo de Castro, do Áudio-Visual fez uma reportagem prá gente: "Como todos sabem, o restaurante da PUC aumentou Cr\$ 10,00 na refeição. Será que veio melhorar? Algumas pessoas foram ouvidas na porta do restaurante, após o almoço. Foi assim:

- O senhor aí, o que acha da comida, melhorou?
- Sim, bastante.
- O quê?
- O pão...

Perguntamos a alguns jovens, que disseram:

- É ... o pão está ótimo.

E assim terminou nossa reportagem. Fomos almoçar e constatamos uma melhora de fato. No pão...

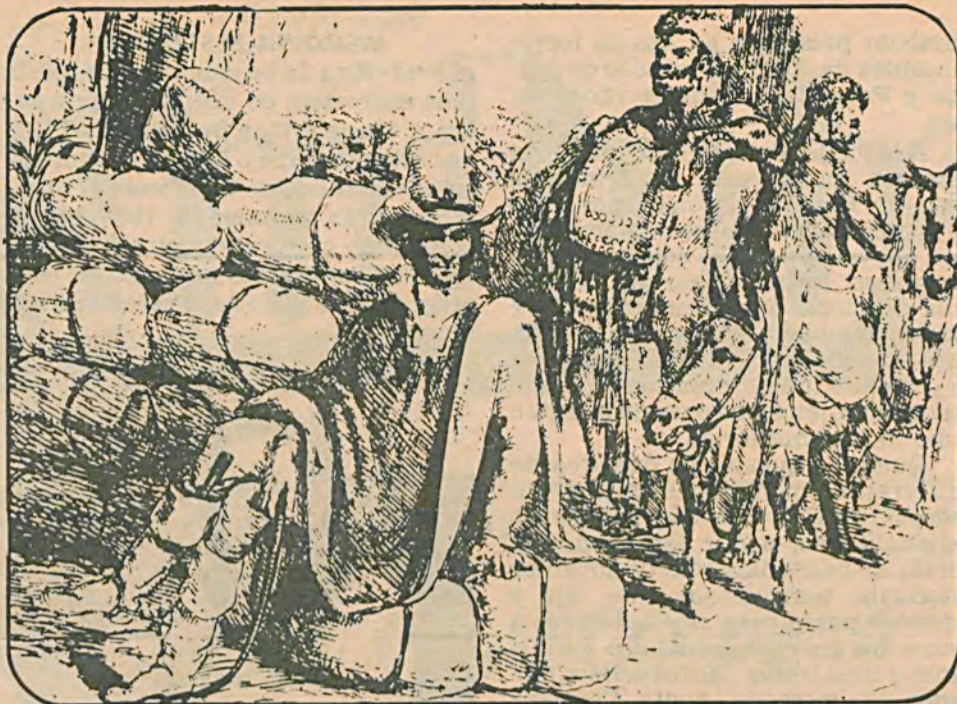
CONSELHO DE REITORES

Dia 23 a 25 de julho haverá em São Luiz do Maranhão a reunião do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras. Lá se discutirá o ensino de 1º e 2º graus. No final de abril houve encontro preparatório na PUC onde se decidiu que esta Universidade coordenará um dos grupos. Encarregado o Prof. Casemiro.



BOCA LIVRE E OUTRAS BOCAS

O Centro Acadêmico de Educação (CAE) promove um show do conjunto "Boca Livre" dia 15/5 às 21h no Teatro TAIB. Para não deixar cair a peteca promoverá dias 7 e 15 de junho às 20h. no TUCA um show com Toquinho, Maria Creuza e Francis Hime. O preço de promoção é de Cr\$ 220,00; aproveite pois na bilheteria custa Cr\$ 300,00. Faz parte da campanha pelo DERDIC.



O Prof. Alcir Lenharo pesquisou durante 3 anos e defendeu sua dissertação de mestrado em História Social pela USP, a qual acaba de ser publicada sob título "As Tropas da Moderação", sobre o peso político das classes que abasteciam a Capital entre 1808 a 1842.

Neste estudo pretendeu-se rever o estudo do processo político e da formação do Estado nacional através das relações do mercado interno brasileiro, havidas entre os núcleos produtores do Centro-Sul e o mercado da Corte.

Habitualmente se estudou o processo político e partidário do século 19 a partir de uma agricultura voltada para o mercado externo. Desta forma, o comando político do País estaria nas mãos da classe proprietária ligada à exportação. Perde-se de vista assim a existência de setores diferenciais de classe e suas oposições entre si.

A presente análise da produção de gêneros de primeira necessidade do Sul de Minas e sua canalização para o consumo do Rio de Janeiro permite que se entenda

a evolução do processo político nacional a partir de um ponto de vista interno e das relações de mercado. Este estudo também poderia aplicar-se a outras fases da História brasileira.

O estudo inicia-se com a expansão do mercado urbano carioca e suas carências, passando pela investigação da ampliação da rede de comunicações entre a Corte e o Sul de Minas — a principal área abastecedora (sua colonização, concentração das propriedades e gestão da economia cafeeira). A produção agropecuária formava seu excedente e forçava a busca de mercados consumidores. Este comércio entre as áreas citadas se fazia pelo sistema de tropas de mulas, havendo estreitamento mercantil entre as regiões e conseqüente projeção política entre o setor abastecedor e suas relações com outros grupos na disputa pelo poder.

O setor abastecedor teve participação na queda do Imperador em 1831 e na "experiência republicana" no período regencial, quando então liderava o "Partido Moderado". Assim, o setor proprietário do abastecimento ocupou a proeminência na etapa liderada pelos liberais "moderados antes de se firmar a hegemonia política do setor cafeeiro, numa etapa conservadora.

"NÃO QUERENDO SER CHATO, MAS..."



FALTA DE GRANA

Dia 15/4 saía nossa edição anterior. Neste mesmo dia era feita uma mesa redonda em que se reuniam Reitoria, DCE e Associação de Funcionários e Professores. Convidados à mesa, o representante da UEE e José Basílio Siqueira, camponês de Conceição do Araguaia, que pediu apoio ao Sindicato Rural de lá, tendo sido calorosamente acolhido pelas mil pessoas presentes.

Foram lidos pelo Lalo, pres. APROPUC, os manifestos conjuntos assinados por Reitoria e Entidades, em que se mobilizava a Sociedade Civil para cobrar do governo seu dever de democratizar o ensino. A PUC não é uma empresa, mas é lugar onde se gesta a cultura e seu projeto é no sentido de toda a sociedade. Além disso, o alunado já chegou nos limites de suas possibilidades como financiador.

A seguir, Geraldo, pres. AFAPUC reafirmou o que estava nos documentos. Érico, do DCE, lembrou que esta luta não interessa apenas aos estudantes mas ao povo, brutalizado há mais de 16 anos. As reivindicações dos funcionários e professores por melhores salários são justas e motivam uma posição unida de todos os setores por mais verbas. O Vice-Reitor, pe. Edênio, lembrou o papel mais amplo de uma Universidade, que não é apenas ministrar aulas: nossa preocupação é

a transformação da realidade brasileira.

Do debate saíram algumas observações interessantes. A folha salarial mensal em fevereiro era de 33 milhões e em março saltou para 47 milhões, o que trará um déficit mensal de 10 a 15 milhões, caso não haja o repasse. Ao ver do Vice-Reitor, desfazer a PUC é muito complicado, vendê-la é impossível, diante do porte e significado desta Univ. Isto só seria possível mediante novo golpe militar, pois, fechar a PUC, mexeria com muita gente, como foi na invasão em que veio solidariedade maciça. Se a PUC fosse federalizada, passaria a gastar 6 vezes mais do que agora. Nosso orçamento é 23 vezes maior que a da Arquidiocese de S.Paulo e não há o que esperar financiamento da Igreja. Numa reunião de Associação das Católicas, decidiu-se que se até agosto a situação não tiver solução, elas se reunirão na PUC-SP e suspenderão os vestibulares de 81, num gesto simbólico. Além disso, serão abertas as contas.



AFAPUC INFORMA

- 1- A Associação dos Funcionários começará em maio uma campanha do agasalho para os associados carentes, além de sortear semanalmente 3 cestas de alimentos, adquiridas com recursos da Associação.
- 2- Sugere que as Entidades Representativas se reúnam no sentido de resolver o problema da segurança interna no Campus Monte Alegre.
- 3- Está em projeto o fornecimento de alimentos adquiridos junto ao IPPH, com custo 40% mais baixo que no Ceasa (cf. notícia "Comida sem Atravessadores").
- 4- Informa aos associados que eles gozam por direito de gratuidade integral nos cursos normais de graduação da PUC, bem como seus filhos (caso estes não tenham renda própria).
- 5- Conta-se com salas de lazer na sua sede, R. Cardoso de Almeida nº 990. Lá existem mesas de sinuca, pingue-pongue e xadrez e televisão.

PAULO FREIRE

Será professor no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Educação, além de orientar teses. Interessados devem procurar a Secretária do Pós.

CeTeC
CENTRO TÉCNICO DE CÓPIAS
 Tel.: 262-8870
 Matriz: Rua Bartira, 409



APROPUC: SOLIDARIEDADE

A Associação de Professores manifestou seu apoio a D. Paulo Evaristo e a D. Claudio Hummes pela atuação da Igreja durante a greve dos Metalúrgicos. Foi também recolhida a quantia de Cr\$ 52 mil, entregue ao Fundo de Greve, além de serem enviados mantimentos. Além disso, a Associação manifestou seu repúdio à agressão sofrida pelo Prof. Franco Montoro. Finalmente, solidarizou-se com a greve dos professores de Minas.



Fotos Zanetti

NOVA DIRETORA: CENTRO DE JURÍDICAS E ECONÔMICAS

O Dr. Dirceu de Melo precisou afastar-se do cargo, impedido pela Lei Orgânica da Magistratura, por estar como juiz do Tribunal de Alçada Criminal. Substituiu-o a Dra. Sílvia Pimentel, ex-chefe de Gabinete da Reitoria, que agora assume um trabalho totalmente acadêmico. "Sinto-me feliz por poder atuar junto à minha área profissional. Pretendo integração cada vez maior das Faculdades de Direito e as de Economia e Administração. Outro objetivo é aproximar a Universidade da Comunidade Social e buscar a melhor maneira disto, que é objetivo de D. Paulo", comenta Dra. Sílvia. (Pelo menos, o visual melhorou muito).



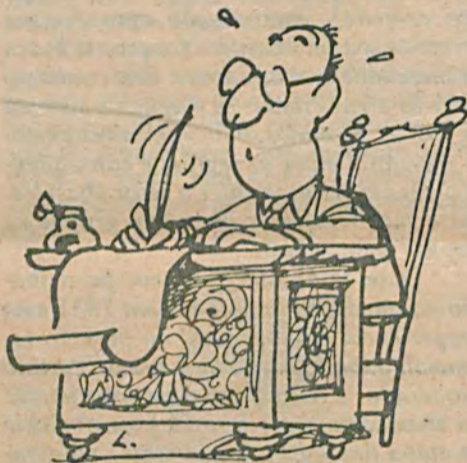
ÍNDIO FORA-DE-MODA?

Dia 14 foi o Dia do Índio e houve Ato Público na PUC. Carmem Jurqueira comenta que havia mais gente na mesa que no plenário, que estava ralo. Anunciou-se na ocasião a formação de um Bloco Parlamentar de apoio à causa indígena que conta com os senadores Evandro Carneira e Montoro, além dos deputados federais Ailton Soares, Audálio Dantas, Modesto da Silveira e dos depts. estaduais Flávio Bierrenbache e Sérgio Santos.

Também presentes ao Ato os representantes da SBPC, Comissão de Justiça e Paz, CIMI, além de vários índios.

A idéia de Bloco Parlamentar está expressa numa carta de Princípios feita em Brasília, assinada por mais de 20 deputados, que se comprometeram a levar uma ação continuada no Congresso. Futuramente se pretende uma Comissão Parlamentar (o que é muito difícil por ser necessária aprovação da maioria), mas no momento se pretende fundar uma subcomissão atenta a projetos que possam atingir o índio de alguma forma.

Quanto à questão da demarcação de terras, no momento, está tudo parado. A FUNAI tem um projeto de regionalização, o que lhe abriria as portas de convênios com os governos estaduais: teme-se que este seja o primeiro passo para se estabelecer a tutela dos governos estaduais sobre o Índio e suas terras. "Estes seriam lançados no mercado, conta Carmem, pois é nos Gov. Estaduais que o latifundiário tem mais força. Estamos vigilantes para que este não seja um segundo pacote sobre o Índio". A semana do Índio também foi comemorada em Campo Grande, onde começa a se organizar a Associação dos Povos Indígenas. Mário Juruna será um de seus articuladores a nível nacional. Também foram distribuídos aos Índios os endereços dos parlamentares envolvidos na Sub-comissão.



CONSELHO COMUNITÁRIO

Vem-se reunindo com frequência e pretende realizar um trabalho mais efetivo. Na reunião do dia 24/4 foram estudadas propostas para os novos estatutos. Na ocasião falou Dr. Bandeira, ex-reitor da PUC. Segundo ele os Centros são mais uma hierarquia na estrutura universitária. Estudaram-se formas de maior participação nas decisões, além do problema da escolha do novo Reitor. A nossa edição fechava quando foi feita uma reunião do Conselho dia 8/5.

MEMÓRIA HISTÓRICA

A Profª Elza Lobo que nos concedeu uma entrevista no último número sobre A Morte e Vida Severina da PUC, nos lembra que o Teatro da Universidade Católica de São Paulo (TUCA) foi fundado em maio de 1965 e era o organismo cultural do Diretório Central dos Estudantes da PUC que congregava 13 faculdades e cerca de 6 mil alunos.



Foto Betina Turner

NOVA CHEFE DE GABINETE

A Profª Maria Elci é a nova chefe de Gabinete, cargo que já ocupou em substituição à Profª Sílvia, quando em férias. Ela trabalhava no setor de Psicologia, em orientação vocacional. "Para mim é uma grande mudança na minha vida, me sinto feliz com a escolha. Meu contato com a Reitoria é ótimo. O trabalho do Gabinete é um tanto burocrático, mas é possível sentir a PUC toda." Maria Elci ficará até novembro, quando virá a nova Reitoria.



HORA DA SAUDADE

O rio da foto é (PASMEN!) o Tietê, pela década de 20, na altura da ponte da Vila Maria. Naquele tempo o topless masculino não fora ainda in-

ventado! Se prestarem atenção, deve ter professores e funcionários da PUC entre os remadores... (foto da Divisão de Iconografia e Museus da Prefeitura).

QUIBE	Cr\$	7,00
COCHIMBA	..	8,00
EMPADA	..	8,00
SAFIRA	..	8,00
ENROLADINHOS	..	8,00
COLAROTE	..	8,00
BOLÃO PEDRÃO	..	6,00
TRUFA DE FRUTAS	..	7,00
DOCE	..	5,00
SUCU	..	6,00

RETIFICAÇÃO

As fotos referentes à viagem da Reitoria e DCE a Brasília são de autoria de José Luís Dutra Nogueira e não de Eduardo de C. Fernandes. Acontece. Na foto acima, vemos o vernáculo castiço da cantina do MEC. Restaurante é mesmo um problema da educação nacional...



MENOR E PERIFERIA

O grupo a que se refere o Prof. Jair Militão em sua entrevista sobre o menor chama-se Entrevistas Universitárias de Base e faz um trabalho na Região Leste. Quem quiser participar procure o grupo pelo telefone 67-0201 ou na sala 61 do prédio novo.

ANUNCIE EM NOSSO BOLETIM

Porandubas

PRÓXIMO NÚMERO

Campus Avançado de Osasco

Entrevista com José Dirceu

O Básico na mira Descobrir o Coração

1º CONCURSO DE FOTOS DO PORANDUBAS

Patrocínio: KODAK BRASILEIRA / DISCOS ELDORADO

Tema: "O COTIDIANO DO POVO" revela o jeito, a alma da nossa gente

Entrega: até dia 30 de junho na redação do PORANDUBAS (entrada do Prédio Velho)

Fotos: tamanho 18 x 24 cm, preto e branco. Você pode concorrer com 3 fotos

PRÊMIOS

- Para os 5 primeiros colocados serão distribuídos:
 - 5 bolsas térmicas para equipamento fotográfico
 - 5 medalhas
 - 30 rolos de filme
 - 30 discos ELDORADO (à escolha)

As fotos premiadas serão publicadas no PORANDUBAS, edição de Agosto, com entrevista com os vencedores.

(obs. - As fotos concorrentes não serão devolvidas)

NÃO PERCA ESTA OPORTUNIDADE!

